

FORMAS DE RESISTÊNCIA E SUBJETIVIDADE NA SEGUNDA GERAÇÃO DE ASSENTADOS DA REFORMA AGRÁRIA: UMA ANÁLISE DE CASO NO INTERIOR DO ESTADO DE SÃO PAULO – BRASIL

Alexsandro ARBAROTTI*

RESUMO: O presente artigo busca compreender as estratégias usadas pelos membros da segunda geração de assentados da reforma agrária para permanência ou volta ao campo no interior do estado de São Paulo. Pensa-se superar a dicotomia ficar e sair como uma categoria concreta ou um movimento definitivo dos jovens e busca-se pensar esses sujeitos da segunda geração como portadores de resistência diante dos percalços e dificuldades encontrados nas relações de micro poderes a que estão envolvidos. Nesse sentido pensa-se que estes são portadores de modelos criativos para superar essas redes e dessa forma passam a serem propositivos de uma nova forma e de outros possíveis. Para a pesquisa foi utilizada a metodologia da história oral em um estudo de caso e os resultados apresentaram variadas formas de permeância e resistência dos sujeitos que passam por estratégias variadas de atividades e geração de renda.

PALAVRAS-CHAVE: Assentamentos de reforma agrária. Geração. Resistência. Poder.

Introdução

Atualmente os pequenos agricultores enfrentam uma diversidade de problemas que se acumulam desde as últimas décadas e que compreende a deterioração das relações de troca, passando pela falta de políticas públicas até a violenta

* Mestrando em Sociologia. Bolsista FAPESP. UFSCAR – Universidade Federal de São Carlos. Centro de Educação e Ciências Humanas – Pós-Graduação em Sociologia. São Carlos – SP – Brasil. 13565-905 – arbarotti@hotmail.com.

expulsão de suas terras. No cerne desta problemática, encontra-se a modernização da agricultura e o aumento e consolidação da expansão capitalista com a presença de grandes empresas nacionais e internacionais (SILVA, 2004). Esses elementos detonaram um processo migratório intenso do campo para as periferias das cidades e fez do Brasil um país com grande concentração fundiária¹.

Todavia, esses fatos não se deram sem resistência dos sujeitos expropriados e violentados. Esse momento de crise produziu levantes e a emergência de novos atores e novos projetos com sujeitos portadores de novas identidades que lutavam pela reorganização do espaço político, econômico e social. Esses momentos de crise são importantes para questionar a imagem da sociedade como algo natural e coloca-la como algo sempre em aberto, em construção (CIUFFOLINI, 2008).

A década de setenta marca o acirramento dessa resistência por parte dos camponeses em varias partes do país². Os camponeses se uniam para realizar a luta popular por direito de acesso a terra, mas com o passar do tempo à luta pela terra foi transformada em luta pela reforma agrária. Dessa forma os embates de cunho verdadeiramente popular e quase espontâneo acabaram por se transformar em movimentos políticos com bandeira, estratégias e cronogramas de luta (MARTINS, 1986). Com isso é “introduzido uma agenda de questões e temas de lutas que renovam o campo das demandas e reagrupa sujeitos no espaço público” (CIUFFOLINI, 2008, p.24, tradução minha). É nesse contexto que surge em 1984 o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) para justamente articular essas lutas pontuais.

Em resposta as reivindicações e ações dos movimentos de luta pela terra foi implementada a política de assentamentos³. Essa não era uma política de reforma agrária que buscava atender as demandas da população rural, mas uma política paliativa em resposta a violência no campo e as ações dos movimentos

¹ O índice de Gini da concentração da terra aponta o número de 0,836 em 1967; 0,854 em 1972 e 0,857 em 1985. É importante ressaltar que o último número divulgado pelo IBGE do censo Agropecuário de 2006 aponta para uma concentração de 0,854 demonstrando que as políticas de reforma agrária no país estão muito aquém para uma solução efetiva do problema (Fonte: Censo Agropecuário do IBGE 2006, divulgado em 2009. Disponível em: <www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/>. Acesso em: 22 set. 2014).

² É importante deixar claro que esse foi um momento em que os movimentos ganharam maior força, porém os movimentos de reivindicação no campo têm um passado que pode ser marcado desde a empreitada de Canudos em 1896 passando pelas ligas camponesas da década de 1930 em diante.

³ O termo assentamentos nos processos de políticas públicas de reforma agrária no Brasil se remete ao final dos anos 50 e início dos anos 60. Antes disso eram estabelecidos núcleos coloniais que o governo instituiu e que tinha como objetivo apaziguar conflitos no campo ou, eventualmente, para ocupação de áreas de fronteiras rurais (BERGAMASCO; NODER, 1996).

sociais de reforma agrária. Atualmente o processo de instalação de assentamentos ainda segue essa tendência de políticas pontuais.

Entretanto, a implementação do projeto de assentamento é apenas o primeiro momento da luta, pois as lutas e a resistência não cessaram com a terra conquistada e a continuidade e a viabilidade do projeto de assentamento devem ser conquistados cotidianamente. Sendo assim, passadas algumas décadas desde o estabelecimento dos primeiros assentamentos é importante investigar como esses projetos estão prosseguindo, ou seja, como se dá atualmente o processo de continuidade dessas localidades que são alternativas à produção de alimentos, à questão ambiental, além de ser, também, possibilidade de trabalho. A luta dos pais, a primeira geração, é hoje o desafio e a luta dos filhos, a segunda geração, que está a cada dia buscando estratégias para assegurar a permanência no lote e a continuidade do projeto de assentamento. É sobre essas estratégias criativas de resistência que se desenvolve esse artigo.

A segunda geração nos assentamentos: novas formas de resistência

Os pesquisadores que se debruçam sobre a questão geracional no campo comungam de um relativo consenso ao reconhecerem a diversidade e a não homogeneidade da juventude rural, pois elas estão marcadas por uma grande diversidade relacionada a contextos econômicos, sociais, geográficos e políticos específicos de cada região (WANDERLEY, 2003; MENEZES, 2008). A literatura clássica sobre o campesinato trata a questão geracional no campo ligada a desvalorização do campo frente à cidade (WOORTMAN, 1995; MOURA, 1978). Deste modo é perceptível que os estudos sobre jovens e adultos nos contextos rurais ainda estão muito presos às tradições de estudos do campesinato e do trabalho rural com preocupações sobre as questões de produção, a relação com a manutenção de consumo e migração entre campo-cidade (MENEZES, 2008). Outros assuntos como pluriatividade, administração do trabalho, divisão de tarefas, mudança na estrutura familiar, gênero e geração perpassam somente de maneira indireta estes estudos. Diante disso é necessário observar de maneira mais atenta para estes temas e trabalhar de maneira direta com os elementos simbólicos e subjetivos da constituição da realidade social complexa em que vivem estes atores sociais (SCOTT, 2010).

Na esteira desta discussão, Castro (2008) chama atenção para uma questão importante no debate, pois segundo a autora os estudos sobre juventude rural, principalmente em assentamentos que é o foco do artigo, se prendem muito a

categoria ficar e sair. Neste sentido as pesquisas trazem à tona as dificuldades que estes jovens enfrentam no campo: acesso a trabalho e escola, atração pelo estilo de vida urbano e falta de possibilidades de relacionamentos. Essas abordagens acabam não percebendo outros elementos nas múltiplas formas de vivências que são apresentadas na dinâmica social destes jovens e as novas formas de se relacionarem com a terra. Por isso, é necessário observar com mais critério os números que tratam sobre a juventude nos assentamentos, e perceber os arranjos feitos e as formas criativas de permanência que são possíveis de serem encontradas. Isso é importante, pois é possível observar um número significativo de jovens que vem afirmando que querem assumir o projeto de assentamento, mas em uma nova perspectiva, realizando um reordenamento da imagem e do dito *ethos* do camponês tradicional (PAULO, 2010; CASTRO, 2008).

Nesse sentido, duas reportagens do jornal Folha de São Paulo, do dia 17 de novembro de 2012, tratam do movimento de retorno ao campo que se percebe no Brasil nos últimos anos (MOVIMENTO..., 2012) principalmente de filhos e netos de assentados que estão deixando as cidades e voltando para os assentamentos (COISSI, 2012). Na primeira reportagem, Vera Botta Ferrante, afirma que a volta e a permanência do jovem, contribui para trazer novas ideias como o caso de um jovem que buscou montar uma gráfica para produzir rótulos dos pães e bolos produzidos no Assentamento Bela Vista na cidade de Araraquara, SP. Na segunda reportagem, Bernardo Mançano Fernandes, afirma que a volta das novas gerações tem ocorrido em assentamentos de todo país. Na opinião dele isso ocorre como resultado do alto custo de vida nas cidades e em contrapartida ao aumento da infraestrutura nos assentamentos, bem como as políticas públicas de incentivo a agricultura familiar.

Assim, é necessário pensar que decidir ficar não significa passividade, mas sim o ato de assumir um projeto de vida que contempla e leva em consideração liberdade, autonomia e independência dos pais (MENEZES, 2008). Este fato, por sua vez, não é livre de conflitos, tensões, negociações e disputas, ou seja, é uma vivência emaranhada por complexas teias de poder e significações, pois o cotidiano está permeado por dinâmicas de conflitos que constitui de maneira continua antagonismos e sujeitos a partir de micro conflitos (LAZZARATO, 2000; CIUFFOLINI, 2008; SCOTT, 2010).

Deste modo é possível pensar que o poder que se coloca em questão na modernidade não é o poder soberano, mas a multiplicidade de forças que atuam e reagem entre eles segundo relações de obediência e mando. Dessa forma a biopolítica se incorpora e se fortalece sobre essa multiplicidade de relações que o

poder coordena, institucionaliza e estratifica. São micropoderes que são exercidos entre homem-mulher, patrão-empregado, pai-filho, morador da cidade-morador do campo (LAZZARATO, 2000).

Os assentamentos, nesse sentido, devem ser entendidos como um universo de vividos múltiplos em que as várias subjetividades estão diferenciadas em projetos que se cruzam e se conflitam dentro das famílias, no assentamento e na teia de relações que são estabelecidas em geral. Estes projetos podem se demonstrar aparentes ou ocultos na representação destes vividos e por isso essas subjetividades devem ser compreendidas como um processo de construção de sentidos individuais, coletivos, culturais e históricos na criação e recriação cotidiana (MARTINS, 2010; FARIAS, 2008).

Considerações sobre as possibilidades criativas

As incursões feitas a campo demonstram as estratégias e as dinâmicas sociais que possibilitam aos sujeitos da segunda geração formas criativas de resistência. O que se pode observar são modos de escape diante dos distintos modos de permanência⁴. Isso é possível porque os sistemas de poder que perpassa os sujeitos não são absolutos. Os sujeitos têm capacidade de resistir e escapar das linhas de força e poder, uma vez que o poder passa pelos corpos, isto é, os corpos não estão capturados de forma absoluta pelos dispositivos de poder. É nesse sentido que Foucault diz, “onde há poder há resistência” e o que ele busca em sua formulação é justamente determinar “o que na vida resiste e, ao resistir, cria novas formas de subjetivação e formas de vida que escapam aos biopoderes” (LAZZARATO, 2000, p.1). O próprio Foucault (1979) afirma nesse sentido que resistência é a palavra mais importante e que está acima de todas as forças do processo e justamente por isso ela não é uma substância.

Ela [a resistência] não é anterior ao poder que ela enfrenta. Ela é co-extensiva a ele e absolutamente contemporânea [...] Não coloco uma substância da resistência face a uma substância do poder. Digo simplesmente: a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar

⁴ O local das incursões de campo agrovila Campinas no assentamento Reunidas no município de Promissão-SP. Este assentamento é resultado de um processo de reivindicação iniciado com 44 famílias acampadas as margens da rodovia BR 153, na altura do município de Promissão-SP no ano de 1983.

sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa (FOUCAULT, 1979, p.241).

É nesse sentido que Foucault vai afirmar que a resistência não é somente um ato de negação e sim um processo de criação. Como ele mesmo disse: “Criar e recriar, transformar a situação, participar ativamente no processo, isso é resistir” (FOUCAULT, 1979 apud LAZZARATO, 2000, p.8, tradução minha).

Nesse sentido foi possível perceber as diferentes e dispareas estratégias de resistir dos sujeitos, sempre de forma criativa e ligada as suas experiências, trajetórias e sentimentos. Essas estratégias passam principalmente pela diversificação de atividades de trabalho e geração de renda, o que caracteriza os lotes como localidades não mais exclusivas de produção agrícola como indica Carneiro (2012):

Destacam-se também as famílias pluriativas, que se caracterizam pela combinação da atividade agrícola a outras ocupações, como estratégia familiar de melhoria das condições de vida, ou mesmo, como condição de permanência no campo (CARNEIRO, 2012, p.29).

Em todos os lotes pesquisados os sujeitos estão envolvidos em atividades diversas, ligadas diretamente a agricultura ou sem relação direta. São novas formas de organização dentro dessas localidades, que assumem novos significados e buscam ser alternativas ao êxodo rural, ao desemprego urbano e ao padrão agrícola dominante. Os lotes e o Assentamento como um todo ficam, assim, marcados pela variação de um conjunto de atividades agrícolas e não agrícolas.

O que marca a permanência, nesse sentido, são os sentimentos de pertencimento à localidade rural e as experiências nas trajetórias dos sujeitos que lhes proporciona repertório para articular estratégias para permanecer no lote por meio de atividades diversificadas. Sinteticamente as estratégias encontradas em campo são as que seguem.

O sujeito⁵ do Lote “A”⁶, que é do gênero masculino e nunca teve experiência de trabalho na cidade desde que se mudou com os pais para o assentamento, organizou sua estratégia de permanência com atividades agrícolas e não agrícolas. Agrícolas na produção de pepinos em estufas, por meio de emprego de trabalho assalariado de outros assentados; não agrícola na ativi-

⁵ Os nomes reais foram substituídos por sujeitos.

⁶ O nome dos lotes não correspondem a realidade.

dade empresarial que desempenha na compra dos produtos dos assentados e revendendo no CEASA.

O Lote “B” tem uma complexidade maior, pois há duas famílias que vivem dele, ambas com sujeitos da segunda geração que tiveram experiência de viver trabalhando por alguns anos fora do assentamento depois de terem se mudado com os pais para o lote. O sujeito 1 desse lote, que é do gênero feminino, exerce atividades agrícolas junto com seu marido de plantio de maracujá e horta para a CONAB⁷ e algumas vacas de leite para consumo próprio. As atividades não agrícolas é a venda de produtos da revista Hermes e Avon e de queijos e doces. Também há o emprego do marido como produtor rural no lote “A”. O sujeito 2, do gênero masculino, desempenha como principal ocupação a atividade não agrícola de pedreiro no município próximo e como atividade agrícola produz hortaliças para venda para a CONAB e arrenda a maior parte do lote para plantação de milho transgênico.

Essas estratégias, de variados tipos de ocupação por uma mesma pessoa ou na família, não podem ser vistas como um simples processo de aculturação e “descampenização” do campo. A pluriatividade deve ser vista como a resposta do agricultor familiar ao processo de modernização, que tem a capacidade plástica de relacionar e reinventar as suas tradições culturais as novidades trazidas pela relação com outras localidades. Assim sendo, a realidade mostra que as localidades rurais atualmente não podem ser mais caracterizadas somente pela atividade agrícola, mas sim por atividades não agrícolas dentro e fora das localidades rurais, ou seja, pela pluriatividade. Esse conceito é importante, pois possibilita:

[...] juntar as atividades agrícolas com outras atividades que gerem ganhos monetários e não monetários, independentemente de serem internas ou externas à exploração agropecuária. Assim, permite considerar todas as atividades exercidas por todos os membros dos domicílios, inclusive as ocupações por conta própria, o trabalho assalariado e não assalariado, realizados dentro e/ou fora das explorações agropecuárias (DEL GROSSI; SILVA, 1998, p.26).

Essa ressalva é importante para romper com o paradigma da cultura camponesa como passiva e oposta à mudança. A cultura camponesa não deve ser vista como algo estático, mas inserida na dinâmica da sociedade e capaz de se

⁷ Companhia Nacional de Abastecimento. Veja os programas que fazem parte da CONAB no portal da Companhia: <<http://www.conab.gov.br/>>. Acesso em: 19 set. 2014.

reelaborar diante das novas estruturas, sem abrir mão de seus valores, visão de mundo e formas específicas de organização social (CARNEIRO, 2012). É exatamente a observação feita acima por Lazzarato (2000) sobre a capacidade do sujeito de resistir por meio da criação e recriação, transformando a situação de forma ativa no processo que está inserido.

Essas múltiplas formas de vividos e estratégias possibilitam uma maior resistência por partes desses sujeitos às imposições do mercado. A exploração de outras atividades acabam por introduzir novas possibilidades de trabalho complementares ou alternativas à agricultura, ampliando assim, a rede de sociabilidade. E por fim, esse sujeito do campo afirma a sua identidade em um processo na qual as características do campo e da cidade se misturam, ou seja, “[...] são cidadão plenos, em articulação com os habitantes das cidades” (WANDERLEY, 2009, p.134).

Não é possível, portanto, pensar a ruralidade somente como penetrada pelo mundo urbano e industrial, mas sim em uma troca de bens simbólicos e materiais, de práticas culturais e representações sociais dialéticas em que os sujeitos têm a capacidade criativa de resistência e proposição. Assim, o importante é deixar claro, por meio do ponto de vista dos sujeitos os significados de suas práticas sociais que operacionalizam essa interação e que alteram tanto o campo como os centros urbanos. Esses sujeitos que tem a possibilidade viver no espaço rural revelam em sua fala os valores e os elementos que buscam como disponibilidade, espaço e relações sociais de interconhecimento.

Por fim, é possível perceber a busca de formas distintas e de certa forma criativas que tem em vista o objetivo e a busca de viabilizar a permanência no campo. Essa resistência cotidiana aponta para a possibilidade de outras formas de possíveis.

FORMS OF RESISTANCE AND SUBJECTIVITY IN THE SECOND GENERATION OF SEATED AGRARIAN REFORM: A CASE STUDY IN THE INTERIOR OF SÃO PAULO – BRAZIL

ABSTRACT: *This paper seeks to understand the strategies used by members of the second generation of settlers of the agrarian reform to permanence or return to field in the state of São Paulo. It is thought overcome the dichotomy stay and go out as a category concrete or definite movement of young people and seeks to think these subjects the second generation as having resistance to the drawbacks and difficulties in the relations of micro-powers that are*

enveloped. In this sense it is thought that these carriers are creative models to overcome these networks and so start to be a new propositional form and from other possible. For the research was used the methodology of oral history in a case study and the results showed various forms of resistance and permeance of subjects who pass through a variety of strategies and activities for generate of income.

KEYWORDS: *Agrarian reform settlements. Generation. Resistance. Power.*

Referências

BERGAMASCO, S. M.; NODER, L. A. C. **O que são assentamentos rurais.** São Paulo: Brasiliense, 1996.

CASTRO, E. G. As jovens rurais e a reprodução social das hierarquias: relações de gênero em assentamentos rurais. In: FERRANTE, V. L. B.; WHITAKER, C. A. (Org.). **Reforma agrária e desenvolvimento:** desafios e rumos da política de assentamentos rurais. São Paulo: UNIARA, 2008. p.112-130.

CARNEIRO, M. J. Do “rural” como categoria de pensamento e como categoria analítica. In: _____. (Coord.). **Ruralidades contemporâneas:** modos de viver e pensar o rural na sociedade brasileira. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2012. p.23-50.

CIUFFOLINI, M. A. **Pensando el presente:** uma construcción de herramientas conceptuales para comprender las luchas sociales. Córdoba: EDUCC, 2008.

COISSI, J. **Filhos e netos de sem-terra deixam cidade e voltam para o campo.** Folha de São Paulo, São Paulo, 17 nov. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/ribeiraopreto/1186860-filhos-e-netos-de-sem-terra-deixam-cidade-e-voltam-para-o-campo.shtml>>. Acesso em: 19 set. 2014.

DEL GROSSI, M. E.; SILVA, J. G. A pluriatividade na agropecuária brasileira. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, n.11, p.26-52, out. 1998. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/onze/grazia11.htm>>. Acesso em: 19 set. 2014.

FARIAS, M. F. L. O cotidiano dos assentamentos de reforma agrária: entre o vivido e o concebido. In: FERRANTE, V. L. B.; WHITAKER, C. A. (Org.). **Reforma agrária e desenvolvimento:** desafios e rumos da política de assentamentos rurais. São Paulo: UNIARA, 2008. p.151-170.

MOVIMENTO de retorno ao campo se repete no país, afirma docente. Folha de São Paulo, São Paulo, 17 nov. 2012. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/ribeiraopreto/1186862-movimento-de-retorno-ao-campo-se-repete-no-pais-afirma-docente.shtml>>. Acesso em: 19 set. 2014.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

LAZZARATO, M. Del biopoder a la biopolítica. **Revista Multitudes**, Paris, n.1, p.1-10, 2000.

MARTINS, J. S. **Não há terra para plantar neste verão**: o cerco das terras indígenas e das terras de trabalho no renascimento político do campo. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **A sociabilidade do homem simples**: cotidiano e história na modernidade anômala. São Paulo: Contexto, 2010.

MENEZES, M. A. Juventude e educação em assentamentos do brejo paraibano. In: FERRANTE, V. L. B.; WHITAKER, C. A. (Org.). **Reforma agrária e desenvolvimento**: desafios e rumos da política de assentamentos rurais. São Paulo: UNIARA, 2008. p.131-150.

MOURA, M. M. **Os herdeiros da terra**. São Paulo: Hucitec, 1978.

PAULO, M. A. L. Juventude rural, sexualidade e gênero: uma perspectiva para pensar a identidade. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010. p.343-366.

SCOTT, P. Gênero e geração em contextos rurais: algumas considerações. In: SCOTT, P.; CORDEIRO, R.; MENEZES, M. (Org.). **Gênero e geração em contextos rurais**. Ilha de Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2010. p.15-36

SILVA, M. A. M. **A luta pela terra**: experiência e memória. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

WANDERLEY, M. N. B. **Juventude rural**: vida no campo e projetos para o futuro. 2003. Projeto de pesquisa. Mimeografado.

_____. **O mundo rural como espaço de vida**: reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2009.

WOORTMAN, H. F. H. **Herdeiros, parentes e compadres**. São Paulo; Brasília: Hicitec: EdUNB, 1995.